

RICHARD SENNETT. **CONSTRUIR E HABITAR: ÉTICA PARA UMA CIDADE ABERTA**. 1ª ED. SÃO PAULO: RECORD, 2018. 377P.  
TRADUÇÃO: CLÓVIS MARQUES.

## Cláudio Smalley Soares Pereira\*

Universidade de Pernambuco

Richard Sennett é um renomado sociólogo norte-americano, reconhecido internacionalmente pelos seus trabalhos sobre espaço público, cidade, urbanismo e planejamento. Nascido em Chicago em 1943, completou o doutorado em Harvard em 1969 e passou por várias instituições como professor e pesquisador, dentre elas Massachusetts Institute of Technology (MIT), New York University (NYU), Harvard University, University of Cambridge e London School of Economics (LSE). Além dos seus estudos e pesquisas nas áreas mencionadas, Sennett é músico e romancista.

A obra resenhada aqui diz respeito ao terceiro e último livro de uma série escrita por Sennett. Eles foram dedicados a compreender o lugar do que ele chama de Homo Faber na sociedade. Enquanto os livros anteriores focalizaram a artesanaria (O artífice [2008]) e a cooperação (Juntos [2012]), o mais recente trata do *homo faber* na cidade, explorando as relações entre o viver e o construir, entre o urbanismo e o habitar, entre a cidade e o bairro, a consciência e as formas urbanas. Não se trata, porém, de algo inédito na produção intelectual de Sennett, que em outros trabalhos, desde o clássico "O Declínio do Homem Público" (1974), buscou, de algum modo, inserir a cidade, a vida urbana e a urbanização nas suas análises. No entanto, "Construir e Habitar" é uma obra que procura lançar luz sobre problemas atuais da vida nas cidades e sobre como as pessoas se relacionam com o ambiente construído.

As inquietações que perpassam toda a obra giram

em torno da assimetria entre a *cit e* e a *ville*. Esse divórcio entre, de um lado, uma mentalidade política e uma consciência coletiva (a *cit e*), e de outro, as formas urbanas do ambiente construído, que vão além de um reflexo economia e da política, incluindo a vontade (a *ville*),   o ponto de partida, estrutural, na obra. A rela o entre *cit e* e *ville*, longe de ser harmoniosa e estável,   cheia de contradi es, arestas e conflitos, vividos pelos habitantes em suas próprias experiências na cidade e nas maneiras que elas são construídas. Noutras palavras, trata-se da tensão entre o vivido e o construído e as suas discontinuidades. Daí a questão central, lançada na introdu o: "o urbanismo deve representar a sociedade tal como   ou tentar muda-la?" (p. 14). Trata-se, segundo o autor, de um problema  tico nas cidades dos dias atuais, e que poderia ser questionado, de forma mais simples, porém não superficial, da seguinte maneira: "a  tica pode moldar o planejamento da cidade?" (p. 29).

Além da introdu o, o livro está dividido em três partes e dez capítulos, e a conclusão. A primeira parte, "as duas cidades", cont m dois capítulos; a segunda parte cont m tr s capítulos que exploram "a dificuldade de habitar"; na terceira parte, "abrir a cidade", temos novamente tr s capítulos que são sucedidos pela quarta e última parte, intitulada "Uma  tica na cidade". Por fim, temos a conclusão, intitulada "Um dentre muitos", na qual algumas ideias debatidas ao longo do livro são retomadas a partir da rua Kantstrasse em Berlim, que o autor começou a estudar durante a recupera o de um derrame.

Na primeira parte, os capítulos “Alicerces instáveis” e “O divórcio entre *cit * e *ville*” discutem o urbanismo no século XIX e XX. A *ville* da reforma de Haussmann, em Paris, a Barcelona de Idelfonso Cerd  e o Central Park de Frederick Law Olmsted, em Nova Iorque, são analisados e contrastados com a *cit * de Balzac e Stendhal, das multidões, da proximidade e das “máscaras de Simmel”. A Escola de Chicago, bem como a arquitetura moderna simbolizados na Carta de Atenas selam a descontinuidade entre o fazer e o habitar, entre o construído e o vivido. A questão de como abrir a cidade   explorada por meio do confronto das ideias de Jane Jacobs e Lewis Mumford e continua presente até o fim do livro.

A segunda parte do livro   dedicada a compreender as dificuldades do habitar. As cidades do Sul Global (Xangai, Bombaim e Delhi) são analisadas a partir de experiências de trabalho que Sennett realizou com a Organiza o das Na es Unidas (ONU) e Unesco. Conversas informais que o autor teve com “urbanitas” (pessoas que vivem, usam, e se apropriam do espaço urbano) enriquecem a análise. Sennett trata de Xangai, com a Madame Q, e o mercado Nehru Place em Delhi, com o Sr. Delhi, “urbanitas” com os quais o autor do livro dialogou quando visitou as cidades acima citadas. As dificuldades do habitar passam pela convivência com os outros, a qual se torna um peso na cidade moderna e fechada. Surgem na análise a “cabana de Heidegger” e o “Gueto Judeu em Veneza” como dois exemplos de exclusão e rejei o dos diferentes. Hoje em dia, tais rejei es ganham corpo e se ampliam com contornos classistas e “compara es odiosas de classe, raça e religião”, resultando em segrega es espaciais. Uma resposta possível para tornar “leve o peso dos outros”, como afirma o autor, tem sido a tecnologia moderna na cidade. Entram em cena as tecn polis e as cidades inteligentes que têm um novo tipo de indivíduo. A partir de Alexis de Tocqueville, Sennett analisa o individualismo e a igualdade de condi es em termos de tecnologia, que resultou em uma cidade fechada, quer dizer, fácil para o usuário, tornando-o passivo pelo fato de não estimular a criatividade e o encontro entre os diferentes. O Googleplex, edifício tecnológico do Google que parece reproduzir a cidade no seu interior,   então trazido   tona como uma nova forma de gueto, representando assim as cidades inteligentes fechadas, prescritivas, em contraste com o que poderiam ser, cidades inteligentes coordenativas, abertas.

A terceira parte investiga as possíveis aberturas da cidade. As rela es do urbanita com a *cit * tem

como pano de fundo a experiência da constru o de bibliotecas como parte do planejamento urbano de Medellín, Col mbia. Sennett se nutre de conhecimentos produzidos por geógrafos como Michel Lussault e Yi-Fu Tuan, de antropólogos como Clifford Geertz, filósofos como Henri Bergson, Gaston Bachelard, e psicólogos como William James para analisar a coprodu o entre urbanita e urbanistas. Recupera a prática dialógica de Bakhtin e argumenta sobre a possibilidade de uma cidade na escala humana, com predominância do caminhar, do conhecimento corporificado e mesmo da utiliza o de técnicas de pesquisa de falar com estranhos como formas dialógicas. Deslocamento, orienta o em ambientes desconhecidos, ser safo (essa   uma expressão usada pelo autor no livro para se referir a alguém que sabe se orientar num lugar, que tem conhecimento do espaço onde se vive) na vida urbana e lidar com estranhos possibilita uma forma de habitar na cidade. Cinco formas são propostas para a *ville* aberta, tornando a *cit * mais complexa, para partir da  abrir a cidade: a **sincronia** no espaço público, a **porosidade** de rela es entre partes da cidade, a **interrup o**, que marca a cidade de forma modesta a fim de chamar a aten o, a **incompletude**, comparada às varia es de uma música e, por fim, a **multiplicidade**, referente   imagem complexa do todo urbano. Essas formas abertas podem ser trabalhadas em coprodu o, mas de forma aberta, estimulando a constru o da sociabilidade.

A última parte do livro aborda especificamente “uma  tica da cidade”. As transforma es que fen menos naturais como enchentes e inunda es levam o autor a refletir sobre como planejar a cidade. Juntamente a isso, ele analisa o tempo urbano e mostra formas urbanas em crescimento lento, cumulativo, e rupturas, continuidades e descontinuidades, que influenciam os usos e apropria es da cidade. A organiza o espacial da cidade tem por tr s uma lógica temporal, que se refere a varia es entre o construído lentamente e o construído com rupturas. As rupturas, por sua vez, funcionam junto com a ideia de sistemas abertos; no caso da cidade, elas a abrem, levantando a problemática da busca da qualidade urbana. Em uma analogia com o trabalho artesanal, Sennett compara a cidade aos três tipos de consertos/reparos que podem ser feitos: restaura o? Retifica o? Ou ainda reconfigura o? Esta última   aquela maneira de reparo que leva em conta a cidade como um sistema aberto, com limites porosos, sincronidades, incompletude e varia o; com esse conserto, “a cidade fica livre para evoluir. Ela se

abre" (p. 323).

A conclusão do livro busca compreender uma ética da cidade a partir da rua Kantstrasse, em Berlim, lançando mão de toda discussão realizada ao longo do livro, e adicionando a experiência espacial e corporal do próprio autor. Essa rua, destaca ele, parece "condensar a ética da cidade" (p. 325). A sociabilidade, a diferença e indiferença, a coprodução entre urbanita e urbanistas reaparecem. As rupturas, causadas em parte pela Segunda Guerra Mundial, as formas urbanas produzidas, as irregularidades, incompletudes e variações temporais, deram a esta rua um sentido de abertura, não obedecendo às intenções originais de sua produção (tal qual a Paris de Haussmann, que resultou em formas de apropriação do espaço urbano distintas daquelas que estavam no planejamento original). É a evolução da própria forma urbana e sua apropriação ativa pelas pessoas, que propõe a ética de uma cidade aberta.

O livro é uma leitura importante para todos e todas que se dedicam a compreender as cidades contemporâneas. Marcadas por formas espaciais que, cada vez mais, tendem para a homogeneização (*shopping centers*, hipermercados, arranha-céus etc.), as cidades, incluindo as brasileiras, apresentam descontinuidades entre o fazer e o ser, entre o construir e o habitar. A busca de um planejamento que leve em conta tanto a  *cité*  como a  *ville*  e, sobretudo, a cooperação entre urbanistas e urbanitas é fundamental por dialogar com especificidades de casos particulares. A vivência de Sennett como pesquisador e consultor, visitando várias cidades do planeta, ajudou-lhe a compreender como o fazer da cidade dialoga com as apropriações, as vivências, o corpo, os sentidos, o tempo. Trata-se, assim, de um livro que pode estimular novas reflexões e ideias para o planejamento urbano, tendo como horizonte a ética da cidade aberta, e contribuir para uma reflexão mais crítica a respeito da produção dos espaços urbanos no Brasil contemporâneo.